

<b>Título</b>	<b>Lutas, vitórias e desafios: a resistência no Alto Uruguai (Relato de experiência)</b>
Autor/es	<b>Luiz Alencar Dalla Costa</b>
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo

## **HABITAÇÃO/MORADIA**

<b>Título</b>	<b>Migrar e morar (Editorial)</b>
Autor/es	<b>Dirceu Cutti</b>
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Acampamento de grande projeto: uma forma de imobilização da força de trabalho pela moradia</b>
Autor/es	<b>Gustavo Lins Ribeiro</b>
Resumo	A partir da Revolução Industrial, grandes projetos, como a construção de canais, ferrovias, cidades e hidrelétricas, possuem uma história intimamente relacionada com a expansão do capitalismo. Seja por causa das poderosas articulações de interesses públicos e privados por eles realizadas, seja pela gigantesca mobilização de capital e trabalhadores que provocam, ou ainda pelo estabelecimento de novos sistemas regionais explicitamente vinculados à economia capitalista como um todo. Na história dos grandes projetos, encontramos uma transmissão de modelos de organização do processo produtivo e de administração da força de trabalho. O principal ator social portador deste modelo no tempo é o engenheiro e, por extensão, sua expressão coletiva: a escola de engenharia e a empreiteira. Os engenheiros, através da acumulação de conhecimentos herdados via educação e experiência prática, reproduzem soluções modelares ao início de cada obra. É por esta razão que os grandes projetos podem ser pensados como uma forma de produção que mantém características estruturais semelhantes em diferentes contextos geográficos e históricos (Ribeiro 1985, 1987).
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo

<b>Título</b>	<b>A rua como alternativa de moradia e sobrevivência</b>
Autor/es	<b>Maria Antonieta da Costa Vieira</b>
Resumo	A crescente ocupação de espaços públicos como moradia pela população de rua incomoda diferentes grupos sociais e instituições, pelos mais diferentes motivos que vão de um sentimento de solidariedade com o desabrigado, passam pela indignação sobre o transtorno e sujeira provocados por aqueles que se instalam nas ruas e vão até as dificuldades que o poder público enfrenta diante de uma situação contraditória: Gerenciar o espaço público e atender as necessidades da população. É voz corrente que esta população está aumentando nas ruas de São Paulo e de outros grandes centros do país. A imprensa tem constantemente dado destaque a esta questão, associando-a a um fenômeno, o internacional - aumento crescente dos “thomeless” nos grandes centros urbanos no primeiro mundo, - fruto do processo econômico recessivo, onde imigrantes pobres e desempregados passam a usar a rua como alternativa de moradia. A ausência de estudos sistemáticos sobre a população de rua impede seu dimensionamento mais preciso. Chega-se a exagerar seu número, fala-se em centenas de milhares de pessoas nas ruas de São Paulo.
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Os moradores do lixão de Campina Grande</b>
Autor/es	<b>Maria Zélia Pereira Fernandes</b>
Resumo	Neste artigo nos propomos a analisar a moradia e as condições de trabalho dos Catadores de Lixo de Campina Grande. Esta condição de trabalho tem sido também uma das estratégias de sobrevivência utilizada pela população desempregada e sem qualificação profissional do município de Campina Grande no Estado da Paraíba, de modo a compreender como essa atividade “permite” sua reprodução social e de sua família. Para entendermos essa estratégia, resgatamos todo o processo de produção na catação de lixo. Analisamos a construção do espaço social, onde se articulam produção e moradia; as condições de trabalho; a comercialização do lixo e as condições de vida desses trabalhadores - nível de renda, moradia, padrão alimentar, saúde e educação. Para tanto, utilizamo-nos de uma pesquisa tipo participativa, na qual foram aplicados questionários e entrevistados 50 chefes de família, no período de fevereiro a junho de 1990. Este espaço que está sendo produzido e (re)produzido pelos Catadores

Ano/Edição	de Lixo é palco privilegiado onde se processa a mais explícita forma de miséria, onde o homem para sobreviver precisa travar disputa com animais como: vacas, cachorros, porcos e insetos - baratas, ratos e moscas. A pobreza visível nessa paisagem testemunha a condição de vida do homem que é desprovido dos meios de produção. Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
<b>Título</b>	<b>A moradia provisória do migrante sazonal</b>
Autor/es	<b>José Jorge Gebara</b>
Resumo	Com as sucessivas crises econômicas que assolam o país, cujo maior peso recai sobre os trabalhadores, as condições de moradia pioram de forma drástica. Caem os investimentos na construção civil, aumenta o desemprego, os salários são arrojados e as camadas assalariadas de menor poder aquisitivo são colocadas em situação de maior penúria, inclusive com relação à questão da moradia. A falta de uma política habitacional adequada conduziu ao caos por todos conhecido e leva muitas famílias ao sofrimento. Não ter onde morar retrata a total ausência de cidadania. A perda do emprego conduz fatalmente à próxima perda: o teto. E o migrante, aquele que já se vê forçado a sair de seu lugar de origem e partir para outro local, distante, desconhecido e sem garantias mínimas? Pretende-se aqui relatar e comentar, um pouco, sobre as condições de moradia do migrante sazonal do corte de cana na região de Ribeiro Preto-SP.
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Morar e conviver</b>
Autor/es	<b>Alfredo José Gonçalves</b>
Resumo	As reflexões que se seguem nasceram a partir de um trabalho pastoral junto a comunidades eclesiais da periferia de São Paulo, mais especificam ente algumas favelas do Parque Santa Madalena, zona leste da cidade. Não se trata propriamente de um artigo, e sim de alguns comentários a respeito do conceito morar, relacionando-o à convivência numa população com elevado número de migrantes.
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
<b>Título</b>	<b>A luta pelo direito de morar</b>
Autor/es	<b>Fermino Fecho; Erminia Maricato</b>
Resumo	Em 1940 havia cerca de 13 milhões de brasileiros vivendo em

Ano/Edição	<p>idades, o Censo Demográfico de 1980 já acusava a existência de mais de 82 milhões de habitantes urbanos, concentrados, sobretudo, nas capitais dos Estados, nos grandes centros e nas regiões metropolitanas. Enquanto a população brasileira triplicava nesse período, a população urbana do país crescia em seis vezes: de 31% do total, passou para 68%. A população rural declinou de quase 69%, em 1940, para 32%, em 1980. Nessas últimas décadas, as nossas cidades foram literalmente invadidas por grandes contingentes populacionais, A Região Metropolitana de São Paulo, por exemplo, pulou de aproximadamente 1.500.000 habitantes, em 1940, para 17.500.000, em 1990, população superior a de muitos países europeus e latino-americanos. As outras metrópoles brasileiras apresentaram, também, em menor escala, crescimento urbano excepcional.</p> <p>Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo</p>
<b>Título</b>  Autor/es Resumo  Ano/Edição	<p><b>Morar ou apenas se adaptar num conjunto habitacional: fragmento da história de Itaquera I</b></p> <hr/> <p><b>Amélia Luisa Damiani</b></p> <p>Vindo do centro da cidade de São Paulo, pela avenida Radial Leste, chega-se à Cohab Itaquera I ou, simplesmente, Cohab I. Avista-se uma massa, que parece acinzentada, de prédios, rodeada por uma paisagem de baixas casas. Compacta edificação que inaugura uma imagem nova. A primeira vista, perspectiva de aridez, no jogo geométrico da disposição dos inúmeros prédios crus, avessos ao que os rodeia. É a arquitetura pobre dos prédios construídos, indiferentes ao que poderia ser a história desse lugar. Mas, seja como for, a vida se vinga, o espaço concebido, mesmo rudimentar, humaniza-se. O que parece igual ou similar, diferencia-se, com a configuração própria que lhe conferem seus moradores. Mesmo se o sentido primordial da ação for, até mesmo, a realização do espaço concebido.</p> <p>Ano VIII, nº 23, set-dez/1995</p>
<b>Título</b> Autor/es Resumo	<p><b>Conjunto habitacional: um universo diverso da metrópole</b></p> <hr/> <p><b>Maria de Fátima Almeida Martins</b></p> <p>As mudanças na reprodução da sociedade, a partir dos anos 30, impostas por um padrão de acumulação do capital qualitativa e quantitativamente distinto do anterior, põem em evidência a emergência de um novo caráter nas relações entre o Estado</p>

Ano/Edição	<p>e a sociedade brasileira, ou seja, a atuação daquele passa a ser fundamental no estabelecimento e reiteração das relações essenciais para o domínio da burguesia urbano-industrial que então emerge. É nos marcos desse contexto que se põe a exigência de uma urbanização que se fizesse simultaneamente ao processo de industrialização. Mais precisamente, que as taxas de urbanização geradas no e pelo processo fossem muito acima do próprio crescimento de incorporação da força de trabalho exigida pela indústria. Dessa forma, as extensas periferias das cidades industriais, que engrossavam a cada dias funcionavam como verdadeiras forças produtivas, impulsionando a acumulação. É então sob o primado da (re) definição das condições de reprodução do capitalismo no Brasil - onde está incluída a instrumentalização produtiva da urbanização -, que foram concebidas e concretizadas várias e distintas políticas visando dar sustentação institucional ao processo de industrialização ao qual o país estava se inserindo. Por seu turno, tornava-se iminente a necessidade e a preocupação do Estado em promover políticas especificamente urbanas em consonância com os propósitos da reprodução das relações de produção que se faziam presentes e hegemônicas.</p> <p>Ano VIII, nº 23, set-dez/1995</p>
------------	---

<p><b>Título</b> Autor/es Resumo</p>	<p><b>Os sem-casa: sua cidade e sua arte</b></p> <p><b>Elaine Pedreira Rabinovich</b></p> <p>A morte do espaço público, declarada por Sennet (1979), ocorreu concomitantemente às ruas serem transformadas em passagens. As ruas tornaram-se meios de deslocamento e perderam uma significação própria. Assim, pode-se dizer que o público se tornou o fundo ou o palco para o “íntimo”. Em uma sociedade “Intimista”, o indivíduo se torna marcado por uma psicologização do ser social e por uma ausência de uma vida significativa que decorra de um meio distinto da esfera do eu. Tal ausência leva-o a perder o poder do brincar, necessário para que se realize como pessoa: tal indivíduo, segundo esse autor, torna-se assim um “artista privado de arte”. Em tal espaço público, a casa pode ser dita representar o íntimo. Serfaty Garson (2003) enfatiza: as práticas do morar são uma questão de cultura e, na sociedade ocidental, devido à obsessão pela segurança e à segregação das classes sociais, o <i>chez-soi</i> ou o sentimento de lar, — a casa — passaram a representar os territórios da intimidade. Os sem-casa moram nas ruas, no público, sem casa ou em simulacros de casa. São chamados pela</p>
--	--

Ano/Edição	<p>sociedade instalada em moradias convencionais de “bárbaros”, em uma recuperação de sentidos antigos a ela atribuídos: bárbaro tanto significa, etimologicamente, o que fala mal, balbucia, quanto nômades que abandonaram seu território de origem e movimentavam-se sobre qualquer território como se fosse deles, sempre prontos para abandoná-los (Eco, 1987). Os sem-casa vagam pela cidade, ocupando suas “franjas”, “fronteiras” ou “limites”. Sua existência é definida por uma cidade que não ocupa sua “res” pública, tornando-a terra “de ninguém”. Em um culto período de tempo, surgiu uma nova categoria de cidadãos ‘nômades” moradores na/da rua. Este nomadismo pode ser visto como uma reprodução especular da própria sociedade no seu lado “invisível”, aproximando-os, deste modo, de certas manifestações da arte contemporânea.</p> <p>Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo</p>
<b>Título</b>	<b>Migrantes sem-teto: uma dupla condição contemporânea no espaço urbano</b>
Autor/es Resumo	<p><b>Leda Veloso Buonfiglio; Igor Catalão</b></p> <p>Este artigo atenta para uma luta sugerida no espaço urbano enquanto estratégia de vida para o migrante e seus descendentes. Essa luta revela-se numa prática socioespacial particular recente de apropriação do espaço urbano capitalista: ocupam-se edifícios do centro antigo da cidade de São Paulo. Para tanto, partimos do encontro dramático de dois processos na cidade: migrar e não morar, relação invertida surgida no contexto urbano, quando habitar na cidade grande parece ter se tornado uma impossibilidade histórica, e o migrar, como sabemos, manancial contínuo da pobreza, irrigado por todos os cantos do país. Não se trata, pois, de analisar a migração ou a falta de política habitacional tomadas isoladamente, mas a combinação complexa destes dois processos, manifestada em grande parcela da população urbana em nossas cidades. Ora, sabemos que o sonho comum de qualquer migrante recém-chegado é ainda o mesmo: poder se estabelecer na cidade de destino para pertencer e não simplesmente permanecer nela. No entanto, este sonho não parece fácil de ser alcançado. A exploração econômica do valor do espaço impõe-se no tecido urbano e cria uma dupla condição contemporânea: a do migrante tornado sem-teto. A simultaneidade dos processos revela condições de miséria mistas ligando espaços geográficos distintos: do campo à cidade “ex-sem-terras” tornam-se sem-tetos, alguns mesmo perambulantes entre uma condição e outra, mas são sempre e indefinidamente migrantes (Bursztyn,</p>

Ano/Edição	1997). Não obstante, cabe salientar que nem todo sem-teto é necessariamente um migrante e vice-versa. De modo algum se trata de etapas obrigatoriamente complementares, sendo apenas um recurso para dar conta da realidade dinâmica dos processos urbanos estudados em São Paulo. Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Casa de brasileiros em Londres: a importância da casa para os imigrantes brasileiros</b>
Autor/es Resumo	<b>Gustavo Tentoni Dias</b> Este artigo tem como objetivo apresentar a importância da casa no processo migratório de brasileiros para Londres. Partindo da premissa de que a sociedade brasileira concebe o espaço privado da casa como um local que pode abrigar iguais e garantir a segurança de todos, em oposição ao espaço público da rua (DAMATTA, 1991), este texto busca investigar se estas características da cultura brasileira se fazem presentes, também, entre os brasileiros que se encontram fora do território nacional. Para dar corpo a esta indagação, o artigo conta com os resultados colhidos num estudo etnográfico, acompanhado de entrevistas, que vem sendo desenvolvido junto a um grupo de aproximadamente dez jovens brasileiros , além de uma bibliografia previamente selecionada .
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Duas histórias de migrantes sobre educação, trabalho e moradia na periferia paulistana (1960 e 1980)</b>
Autor/es Resumo	<b>Adriana Santiago Rosa Dantas</b> Este artigo discute a inserção de migrantes internos na periferia de São Paulo, vindos em condições educacionais e sociais parecidas, mas em tempos distintos, nas décadas de 1960 e 1980. Os dados analisados fazem parte de uma pesquisa realizada em Ermelino Matarazzo, na periferia leste da cidade de São Paulo, que recebeu migrantes nordestinos a partir da década de 1940. No texto, são comparadas duas moradoras, dentre as dezoito entrevistas da pesquisa, analisando-se sua inserção na cidade de São Paulo em relação à educação, trabalho e moradia.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo